

DE MARCADOR  
DISCURSIVO REFREADOR-  
ENUNCIATIVO  
A INTERJEIÇÃO  
SINTOMÁTICA:  
MUDANÇA  
CONSTRUCIONAL  
NA PÓS-PARADIGMATIZAÇÃO  
DE *ESPERA AÍ* E *ESPERA LÁ*

DEL MARCADOR DISCURSIVO REFRENADOR ENUNCIATIVO A LA INTERJECCIÓN  
SINTOMÁTICA: CAMBIO CONSTRUCCIONAL EN LA POSPARADIGMATIZACIÓN DE  
*ESPERA AÍ* E *ESPERA LÁ*

FROM REFRAINING-ENUNCIATIVE DISCOURSE MARKER TO SYMPTOMATIC  
INTERJECTION: CONSTRUCTIONAL CHANGE IN THE POST-PARADIGMATIZATION OF  
*ESPERA AÍ* E *ESPERA LÁ*

Flávia Saboya da Luz Rosa\*  
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: No presente artigo, apresenta-se a investigação das microconstruções *espera aí* e *espera lá*. Objetiva-se flagrar o uso interjetivo dessas expressões em fase posterior ao seu estabelecimento no paradigma dos marcadores discursivos refreador-argumentativos. A fundamentação teórica deste trabalho está vinculada à chamada Linguística Funcional Centrada no Uso (adaptado de BYBEE, 2010), sobretudo, relaciona-se à abordagem construcionalista de Traugott e Trousdale (2013) e aos estágios de mudança linguística de Diewald e Smirnova (2012). A pesquisa foi realizada por meio dos seguintes corpora: Corpus do Português e Corpus Tycho Brahe (século XIII ao XX), Diário do Congresso Nacional (séculos XX e XXI) e Acervo digital da revista *Veja* (séculos XX e XXI). Constatou-se que as primeiras construcionalizações dos marcadores discursivos refreador-argumentativos

---

\* Pesquisadora, Doutora em Estudos de Linguagem, do Grupo de Estudos Discurso & Gramática sediado na Universidade Federal Fluminense (D&G – UFF). Atualmente, dedica-se ao projeto “A construção de correlação locativa: movimento contínuo, multiplicidade, modo e mutualidade”. E-mail: [flaviasaboya@gmail.com](mailto:flaviasaboya@gmail.com).

ocorreram no século XIX, havendo mudança funcional de *espera aí* e *espera lá* no século XX, quando passam a exercer também função interjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Marcador discursivo. Interjeição. Mudança construcional. Pós-Paradigmatização.

RESUMEN: En este artículo se presenta la investigación de microconstrucciones, *espera aí* y *espera lá*. El objetivo es captar el uso interjetivo de estas expresiones en una etapa posterior a su establecimiento en el paradigma de los marcadores discursivos y argumentativos del discurso. La base teórica de este trabajo está vinculada a la denominada Lingüística Funcional Centrada en el Uso (adaptado de BYBEE, 2010), sobre todo, se relaciona con el enfoque construccionista de Traugott y Trousdale (2013) y con las etapas de cambio lingüístico de Diewald y Smirnova (2012). La investigación se llevó a cabo a través de los siguientes corpus: Corpus do Português y Corpus Tycho Brahe (siglos XIII al XX), Diário do Congresso Nacional (siglos XX y XXI) y colección digital de la revista Veja (siglos XX y XXI). Se encontró que las primeras construcciones de los marcadores discursivos refrenadores-argumentativos ocurrieron en el siglo XIX, con un cambio funcional de *espera aí* y *espera lá* en el siglo XX, cuando también comenzaron a ejercer una función interjetiva.

PALABRAS CLAVE: Marcador discursivo. Interjección. Cambio de construcción. Postparadigmatización.

ABSTRACT: In this paper, we present the investigation of micro-constructions *espera aí* and *espera lá*. The objective is to catch the interjective use of these expressions at a later stage of their establishment in the paradigm of the refraining-argumentative discourse markers. The theoretical basis of this work is linked to the so-called Usage-Based Functional Linguistics (adapted from BYBEE, 2010), above all, it is related to the constructionist approach of Traugott and Trousdale (2013) and to the stages of linguistic change by Diewald and Smirnova (2012). The research was carried out through the following corpora: Corpus do Português and Corpus Tycho Brahe (13th to 20th century), Diário do Congresso Nacional (20th and 21st centuries) and digital collection of Veja magazine (20th and 21st centuries). It was found that the first constructionalizations of the refraining-argumentative discourse markers occurred in the 19th century, with a functional change of *espera aí* and *espera lá* in the 20th century, when they also began to exercise an interjective function.

KEYWORDS: Discourse marker. Interjection. Constructional change. Post-Paradigmatization.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve-se sob o enfoque da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tal como praticada no Brasil, no contexto do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (2021)<sup>1</sup>. Essa linha de pesquisa representa a incorporação da abordagem construcional da gramática, de vertente cognitivista, como encontrada em Goldberb (1995, 2006) e Croft (2001), entre outros, à pesquisa funcionalista norte-americana. Mais especificamente, neste artigo, a investigação baseia-se na abordagem construcionalista de Traugott e Trousdale (2013) e nos estágios de mudança linguística de Diewald e Smirnova (2012).

Corroborando com o entendimento funcionalista de que a língua é uma entidade dinâmica, objetiva-se verificar a mudança de função dos marcadores discursivos refreador-argumentativos *espera aí* e *espera lá*, que passam a ser empregados também como interjeição. Considerando não haver unanimidade de opiniões acerca das definições de marcadores discursivos e interjeições, a seção inicial foi dedicada ao tema, de modo a garantir a coerência das análises.

Os dados aqui expostos são provenientes do Corpus do Português (2021) e do Corpus Tycho Brahe (2021), cujos textos foram produzidos entre os séculos XIII e XX; do Diário do Congresso Nacional (2021) e do Acervo Digital da revista Veja (2021), que contém publicações dos séculos XX e XXI<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Para maiores informações, consultar o site

<sup>2</sup> Conferir referências.

O artigo está dividido nas seguintes seções: 1) Definições: marcador discursivo versus interjeição; 2) Fundamentação Teórica: 2.1) Construção, 2.2) mudança construcional e construcionalização, 2.3) Paradigmatização; 3) Metodologia; 4) Análise de dados; 5) Considerações finais.

## 2 DEFINIÇÕES: MARCADOR DISCURSIVO VERSUS INTERJEIÇÃO

Considerando a vasta abordagem sobre marcadores discursivos e interjeições na literatura de estudos linguísticos, não há pretensão de se apresentar, neste trabalho, uma seção exaustiva nem de se estabelecerem generalizações sobre o tema. Tendo em vista se tratar de pesquisa em andamento, o escopo é mais modesto e específico: caracterizar, com base em postulados já existentes, as construções refreador-enunciativas e refreador-argumentativas (ROSA, 2019) como componentes do paradigma da marcação discursiva a partir do século XIX, e os novos usos dessas construções como interjetivos a partir do século XX. Levando em conta que os traços comuns existentes entre marcadores discursivos e interjeições propiciam certa discussão sobre sua equivalência ou não, é necessário, primeiramente, apresentar suas respectivas definições, similitudes e diferenciações funcionais. Tal esclarecimento é fundamental para a constatação da ocorrência de novos usos das microconstruções *espera aí* e *espera lá* após sua integração ao paradigma dos marcadores discursivos refreador-argumentativos.

Em se tratando da definição dos marcadores discursivos, Risso, Silva e Urbano (2002, p.21) declaram:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.

Segundo os autores, apesar de haver ampla bibliografia na literatura linguística tratando dos marcadores discursivos, não se observa, nesses registros, a preocupação ou o consenso quanto à determinação da natureza e das propriedades dos marcadores. Essa caracterização concorreria para o delineamento de sua especificidade em relação a outros elementos empregados no discurso, que, embora possam apresentar pontos em comum com os marcadores, nem sempre podem ser enquadrados nesse grupo. Assim, por meio de delimitações frouxas, novos exemplares são continuamente agregados ao conjunto, tornando-o cada vez mais amorfo e heterogêneo.

Entendendo a necessidade do estabelecimento de traços básicos identificadores dos marcadores discursivos, os autores se propuseram a apreender as regularidades ou constantes nas ocorrências em suas pesquisas e, a partir daí, as matrizes para a delimitação da classe em foco. A investigação gerou as seguintes constatações:

- A) Os marcadores discursivos (MD) são mecanismos verbais da enunciação, que atuam no plano da organização textual-interativa, com funções normalmente distribuídas entre a projeção das relações interpessoais (quando o foco funcional não está no sequenciamento de partes do texto) e a proeminência da articulação textual (quando a dominante deixa de estar no eixo da interação).
- B) Os MD atuam no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo; sendo assim, são exteriores ao conteúdo proposicional e à informação cognitiva dos tópicos ou segmentos de tópicos. Entretanto, asseguram a ancoragem pragmática desse conteúdo, ao definirem, entre outros pontos, a força ilocutória com que ele pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação a ele, a checagem de atenção do receptor para a mensagem transmitida, a orientação que o emissor imprime à natureza do elo sequencial entre as entidades textuais. Codificam uma informação pragmática. Nessa qualidade, estabelecem-se como embreadores dos enunciados com as condições da enunciação, apontando para as instâncias produtoras do discurso e definindo a relação dessas instâncias com a estruturação textual-interativa.
- C) Manifestam um processo de acomodação do significado literal das palavras que os constituem à sinalização de relações dentro do espaço discursivo. Esse fato carrega, muitas vezes, uma perda parcial de sua transparência semântico-referencial.

- D) Analisados do ponto de vista da integração sintática na estrutura oracional, os MD são unidades independentes, que, portanto, não se constituem como parte integrante dessa estrutura.
- E) Realizam-se, na maior parte das vezes, com o acompanhamento de uma pauta prosódica demarcativa, ora bem definida – em ocorrências delimitadas por nítida curva entonacional, com rebaixamento de tom no final da unidade –, ora bastante sutil. A demarcação prosódica que costuma acompanhar a realização dos MD é uma evidência a mais de sua dissociação sintática em relação à estrutura oracional em que se alocam.
- F) São insuficientes para constituírem enunciados completos em si próprios, ou seja, são, do ponto de vista comunicativo, unidades não autônomas, diferenciando-se, nesse ponto, mas não somente nele, das interjeições, dos vocativos, das palavras-frase.
- G) Em seu padrão mais frequente e característico, os MD são formas de extensão reduzida a uma ou duas palavras ou de massa fônica mais restrita a um limite de três sílabas tônicas. O envolvimento de maior número de unidades léxicas ou de sílabas tônicas, na constituição de um MD, implicaria, normalmente, um grau maior de elaboração sintática e de transparência semântico-referencial, que parece pouco compatível com o caráter mais formulaico esperado em sua composição.
- H) De modo geral, destacam-se como formas recorrentes no espaço textual, sendo o padrão dessa recorrência, evidentemente, dependente dos limites de segmentação do corpus de análise.
- I) Quanto à apresentação formal, os MD são, comumente, formas mais ou menos fixas, pouco propensas a variações fonológicas, flexionais, ou de construção. As pequenas alterações observadas, restritas quase sempre a contrações (não é > né), reiterações (ahn > ahn, ahn), manifestação de uma variante flexional específica (entende? > entendeu?) ou sintagmática (digamos > digamos assim), confirmam a tendência para a cristalização formal dos MD e para seu estatuto de fórmulas já prontas para serem usadas no discurso com certo grau de automatismo, sem passarem previamente por uma elaboração léxico-sintática mais palpável.

De modo semelhante, contudo mais sucinto, Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) definem assim os traços prototípicos dos marcadores discursivos: (a) invariabilidade formal; (b) autonomia sintática; (c) prosódia específica; (d) função de relacionar um enunciado à situação do discurso, isto é, relacionar quanto à organização dos textos, à interação entre falante e ouvinte e/ou às atitudes do falante.

Risso, Silva e Urbano (2002) observaram, na análise geral dos dados de pesquisa, certa margem de flexibilidade com que exemplares de MD se afastam de algumas das coordenadas básicas anteriormente descritas, sem, entretanto, se desvincularem de um fundo comum estável e unificador. Esse fundo comum é definido pelos traços da exterioridade do MD em relação ao conteúdo cognitivo dos tópicos ou segmentos de tópicos; da independência sintática; da não autonomia comunicativa e pela combinação dos traços decorrentes do contrabalanceamento entre aspectos da articulação discursiva e da orientação da interação.

Atestou-se, pois, a possibilidade da existência de subconjuntos de MD mais prototípicos e menos prototípicos, conforme o maior ou menor enquadramento na configuração geral dos traços-padrão identificadores.

Para os pesquisadores, a postulação dos MD como uma classe gradiente põe em destaque uma vez mais a concepção do *continuum*, que se tem revelado, em várias circunstâncias, como bastante pertinente para a definição e qualificação das configurações linguísticas em geral.

A fim de comprovar o pertencimento das expressões aqui examinadas à classe dos MD, apresentamos uma breve verificação das constatações apontadas pelos autores em relação ao emprego de um exemplar, tal como consta em Rosa (2019, p. 41-43). Contudo, fazemos uma ressalva: a avaliação da prosódia não pode ser aplicada aos dados dos corpora, por se tratar de textos transcritos. Apresentamos reflexões sobre os demais itens em referência ao fragmento a seguir:

(1) A Sr.<sup>a</sup> Vanessa Grazziotin: Então, veja V. S.<sup>a</sup>, Dr. Prado, eu gostaria muito que nós fizéssemos um bom debate com o senhor, porque o senhor já esteve na comissão. O senhor é professor do Direito, o senhor é de uma área penal, como relata aqui, uma área muito importante. Veja: dizem que a Presidenta cometeu um crime de responsabilidade porque feriu a meta fiscal prevista. Mas, **espera lá**. Meta fiscal é do exercício. (Soa a campanha.) Tem que se medir no final do ano. Disseram isso antes do final do ano e querem incriminá-la, tirando o seu mandato por conta disso. Mas, o que é mais grave: descumprimento de meta fiscal é crime? Qual

é a lei? Diga para nós qual é a lei que diz que esse crime deve ser punido com a pena mais rigorosa para um agente público. (Diário do Senado Federal, 25 ago. 2016).

- A) A expressão em destaque atua no plano da organização textual-interativa. Vanessa Grazziotin reproduz a proposição de um determinado grupo de pessoas, à qual demonstra, de modo implícito, posição contrária. O uso de *espera lá* projeta a relação interpessoal da enunciatória com seus opositores, sem qualquer foco funcional no sequenciamento de partes do texto.
- B) *Espera lá* atua no plano da atividade enunciativa, ou seja, é exterior ao conteúdo proposicional e à informação cognitiva dos tópicos ou segmentos de tópicos. Assegura a ancoragem pragmática do discurso, evidenciando, conforme mencionado no ponto anterior, a atitude assumida em relação ao conteúdo e a orientação que a enunciatória imprime à natureza do elo sequencial entre as entidades textuais. Embora Vanessa Grazziotin não tenha verbalizado explicitamente sua posição contrária à proposição, o uso de “Mas, *espera lá*” denuncia a refutação que se segue. A expressão estabelece-se como um gatilho para o desenvolvimento da alegação, componente do mecanismo da argumentação.
- C) Em *espera lá*, observa-se um processo de desbotamento do significado pleno dos itens *espera* e *lá* e uma vinculação desses que serve à sinalização de relações dentro do espaço discursivo, acarretando perda parcial da transparência semântico-referencial.
- D) Sob a ótica da integração sintática na estrutura oracional, *espera lá* atua como unidade independente, isto é, não se constitui como parte integrante dessa estrutura.
- E) Do ponto de vista comunicativo, *espera lá* se mostra insuficiente para constituir enunciado completo em si mesmo, ou seja, é uma unidade não autônoma.
- F) A expressão *espera lá* apresenta, em sua forma, extensão reduzida: duas palavras, compatível com o caráter formulaico, com o baixo grau de elaboração sintática e a pouca transparência semântico-referencial.
- G) O padrão de recorrência da expressão nos *corpora* será avaliado no capítulo de análise de dados.
- H) A apresentação formal de *espera lá* é mais ou menos fixa, podendo ser empregadas – além da primeira, mais recorrente – as seguintes formas: *espere lá* (verbo *esperar* no modo imperativo), *pera lá* (redução do verbo *esperar*) e *peralá* (redução do verbo *esperar* e sua justaposição ao afixoide locativo *lá*). Sendo essa última diferenciada da anterior apenas em textos escritos.

No que se refere às interjeições, Bechara (2009, p.331) assim as define:

É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo.

É importante acrescentar o que consta em Cunha e Cintra (2008, p. 605): “[...] o valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação [...]”. No que tange à estrutura das interjeições, Bechara (2009) destaca quatro tipos: (i) sons vocálicos (ah!, oh! etc.); (ii) palavras já existentes na língua (bravo!, homem! etc.); (iii) onomatopeias (tic-tac!, pum!); (iv) locuções (ai de mim!, valha-me Deus!).

Em Houaiss (2009, p. 1097) também se encontra descrição semelhante: “[...] palavra invariável ou sintagma que formam, por si sós, frases que exprimem uma emoção, uma sensação, uma ordem, um apelo ou descrevem um ruído [...]”. Concernente à formação das interjeições, são apresentados quatro tipos, divididos em dois grupos: (i) interjeições que não derivam de outras palavras: (a) sons praticamente sem caráter vocabular (ó!, ha! etc.), (b) sons articulados com caráter vocabular mais definido (eba!, opa! etc.); (ii) interjeições que se originam de palavras ou expressões previamente existentes: (c) palavras (ou sintagmas) sem clareza etimológica (puxa/poxa: puxa vida/poxa vida; bolas/ora bolas), (d) palavras (ou sintagmas) derivados da expressão de origem (tomara < verbo tomar; oxalá).

Azeredo (2008) define as interjeições como palavras que se empregam exclusivamente como frases de situação, pertencentes à categoria dos substitutos oracionais, porém, com a particularidade de só serem utilizadas nas chamadas funções emotiva e conativa da linguagem. Para o autor, as interjeições podem ser assim classificadas de acordo com a intenção do enunciatório: (i) sintomáticas:

quando traduzem estados emocionais como admiração, surpresa, desalento etc. (ui!; oh!; oba!), são formas condensadas de frases exclamativas; (ii) apelativas: quando servem para alertar ou chamar o interlocutor (olá!; ei!; psiu!), são formas condensadas de comandos verbais; (iii) onomatopaicas: quando reproduzem sons emitidos por referentes extralinguísticos (pou!; pá!; zum!), são formas condensadas de declarações.

Batista (2011) considera que os elementos que se classificam como interjeição em português são de natureza expressiva e atuam como unidades de comunicação em contextos específicos. Acrescenta que muitos gramáticos e linguistas não consideram a interjeição como mais uma classe de palavra e sim como frase de situação.

A partir do exposto, considera-se, neste trabalho, que os MD atuam exclusiva e obrigatoriamente na interação discursiva. Mesmo nas situações em que não há a presença física de interlocutor, pode ocorrer: (a) interação virtual, em que o enunciador pressupõe o enunciatário (por exemplo, apresentadores de telejornais/programas sem plateia que falam aos possíveis telespectadores), ou (b) dupla função do enunciador, que também assume o papel de enunciatário (como ocorre em alguns tipos de monólogos). Entendemos que, de modo geral, o uso interjetivo pode ocorrer em interações discursivas ou não. A função interjetiva verificada nos dados aqui apresentados exprime estados emocionais como admiração, surpresa, indignação etc., por essa razão, conforme Azeredo (2008), são chamadas de *sintomáticas*. Neste trabalho, foram flagrados i) usos interjetivos sintomáticos em âmbito discursivo, o que consideramos um tipo de marcação discursiva, e ii) usos interjetivos sintomáticos situacionais, representando uma resposta a determinado evento do âmbito biossocial, extralinguístico, e não a conteúdo discursivo.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para realizar as análises das expressões *espera aí* e *espera lá*, formadas por termo refreador<sup>3</sup> seguido de locativo, lançamos mão da abordagem construcionalista da mudança linguística, tratada, sobretudo, por Traugott e Trousdale (2013). Valemo-nos ainda dos postulados de Diewald e Smirnova (2012) para tratar de contextos de mudança linguística e enquadramento em um paradigma da língua. A seção encontra-se organizada do seguinte modo: 2.1) Construção, 2.2) Mudança construcional e construcionalização, 2.3) Paradigmatização.

#### 3.1 CONSTRUÇÃO

Na visão de Traugott e Trousdale (2013) e de vários pesquisadores cognitivistas, como Goldberg (2006) e Langacker (2008), em um modelo construcionalista, a língua é composta por pareamentos forma-conteúdo, também chamados de construções, organizados em rede. Sendo assim, entendemos que as expressões em foco nesta pesquisa passam a ser empregadas como unidades simbólicas convencionais. As construções são unidades no sentido de que o signo é arraigado como um pareamento forma-conteúdo na mente do usuário da língua, devido a aspectos de forte idiosincrasia ou grande frequência. Elas são simbólicas, pois são signos, associações de forma e conteúdo. E são convencionais, por serem compartilhadas por um grupo de falantes.

Conforme explicam Cunha e Lacerda (2017), constatamos a existência de uma construção sempre que há evidência de que os falantes não podem prever algum aspecto da forma, do conteúdo ou do uso desse elemento com base em outra construção pré-existente. Tomando como exemplo o fragmento a seguir retirado dos corpora em estudo, verificamos que a expressão com status construcional *espera aí* já não mantém o significado do verbo pleno *esperar*, pois não exprime o pedido/ordem de que se aguarde algo durante determinado tempo. Tampouco veicula o sentido de circunstanciador espacial do locativo *aí*, pois não ocorre qualquer referência ao local em que se encontra o interlocutor. O que se apresenta é um pareamento de forma nova, fixa e interdependente, e conteúdo novo, com função pragmático discursiva relacionada à argumentação, não antes prevista pelo somatório dos significados de suas partes:

<sup>3</sup> Em Rosa (2019, p. 28), atribui-se o nome refreador a todo “[...] termo, seja verbo (V), frase nominal (FN), advérbio (Adv) ou pertencente a outra classe gramatical, cujas funções estejam, de algum modo, relacionadas à contenção, repressão, diminuição de intensidade, abrandamento etc.” de ações/attitudes.

(2) O Sr. Presidente (Norton Macedo) - Companheiros, para orientar o debate e a votação, por sugestão do Relator, nós vamos submeter a votos, a Comissão, o texto do Relator. Se for aprovado o texto do Relator prevalece, se a maioria rejeitar nós partiremos para um novo texto com as sugestões. O Sr. Israel Pinheiro - **Espera aí**, eu não tenho texto nenhum. O Sr. Presidente (Norton Macedo) - Se for rejeitada a emenda do Relator... O Sr. Israel Pinheiro - V. Ex' usa de uma velha sabedoria para me deixar mal perante meus nobres colegas. Eu não estou contra o texto. Eu primeiro defini uma filosofia, eu não vou votar, eu nem sei o que eu vou votar para ficar contra ou a favor com o texto. Não, não é isto; eu estou querendo é discutir, chamar atenção, analisar. Não é votar. (Diário do Congresso Nacional, 30 nov. 1985).

### 3.2 MUDANÇA CONSTRUCIONAL E CONSTRUCIONALIZAÇÃO

Para analisar as transformações linguísticas sofridas pelas construções em foco, devemos levar em conta os dois principais tipos de mudanças apontados por Traugott e Trousdale (2013): mudança construcional e construcionalização.

A mudança construcional é a mudança que afeta uma das dimensões internas de uma construção já existente, sem que ocorra a criação de nova construção. A alteração pode ser referente às propriedades da forma (sintática, morfológica, fonológica) ou relacionada às propriedades do conteúdo (semântico, pragmático, discursivo). A construcionalização costuma ser precedida e sucedida por mudanças construcionais, isto é, por uma sucessão de passos incrementais convencionizados.

As mudanças construcionais, que, por hipótese, precedem e possibilitam a construcionalização, envolvem tipicamente, segundo os autores, expansão pragmática, semantização dessa pragmática, *mismatch* entre forma e conteúdo e algumas pequenas mudanças distributivas. Sendo assim, são chamadas de mudanças construcionais pré-construcionalização. Por sua vez, a construcionalização pode possibilitar mudanças construcionais ulteriores. Tais mudanças construcionais pós-construcionalização envolvem, tipicamente, de acordo com os autores, expansão de arranjos sintáticos (*collocations*) e podem também envolver reduções morfológicas e fonológicas.

A construcionalização é a criação de uma associação forma<sub>nova</sub>-conteúdo<sub>novo</sub>, ou seja, é o desenvolvimento de uma nova unidade ou signo e, sendo assim, forma novos tipos de nós que têm nova sintaxe ou morfologia e novo conteúdo codificado na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada de mudanças referentes à esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas (macroconstruções) sempre resulta de uma sucessão de micropassos, sendo, portanto, fruto de um processo gradual. Novas microconstruções podem ser criadas tanto de modo gradual quanto instantâneo. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser gramaticais e microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser lexicais.

A construcionalização envolve, minimamente, neoanálise da forma morfossintática e do conteúdo semântico-pragmático. Mudanças discursivas e fonológicas também podem ocorrer em vários estágios. Mudanças somente formais e mudanças somente de conteúdo não constituem construcionalização, tratando-se, sim, de mudanças construcionais. Traugott e Trousdale (2013) focam dois tipos principais de construcionalização: a gramatical e a lexical. A construcionalização gramatical é o desenvolvimento, por meio de uma série de mudanças em micropassos, de um pareamento de forma<sub>nova</sub>-conteúdo<sub>novo</sub> que apresenta função principalmente procedural/gramatical. Um signo gramatical aponta como um falante conceptualiza relações entre referentes nas cláusulas e como um ouvinte as interpreta. Em muitos casos, a construcionalização gramatical envolve perda do conteúdo lexical, no entanto, a fonte pode não ser lexical. A construcionalização lexical é o desenvolvimento de um pareamento de forma<sub>nova</sub>-conteúdo<sub>novo</sub> que, no *continuum*, está mais relacionado ao polo lexical, isto é, que faz referência a entidades/eventos do mundo biossocial. A seguir, apresentamos alguns fragmentos para ilustrar o tema desta seção:

(3) O Sr. Gastão Müller: Gastão, quando você tem um amigo chato que telefona dizendo que o vai visitar e se esquece da hora de sair, você fala o seguinte: estou com minha mulher saindo para te visitar. **Espera aí** na sua casa, porque vou aí. (Diário do Congresso Nacional, 11 abr. 1986).

(4) Espera. **Espera aí**... Não estejas a puxar por mim porque eu não posso ficar aqui contigo (Corpus do Português: *Os nós e os laços*, de Antonio Alçada Baptista, 1985).

(5) Copérnico - começou a desconfiar - mas **espera aí** - o sol gira em volta da terra - mas o sol é muito maior do que a terra - está a uma enorme distância - as estrelas - as nebulosas - estão a longínquas distâncias de nós perdidas - e como é que tudo isso pode girar em vinte e quatro horas - em torno da terra? é impossível - alguma coisa está errada (Corpus do Português: Linguagem Falada: Recife, séc. XX).

No exemplo (3), a sequência *espera aí* é empregada em contexto original, em que a forma *espera* denota um pedido de que o interlocutor o aguarde em algum lugar, e o pronome locativo *aí* indica o local da espera: a casa dele. Apesar do sequenciamento sintático, trata-se de elementos independentes, havendo a possibilidade de intercalação de outros termos, tais como “Espera tranquilamente aí na sua casa” etc. No exemplo (4), verifica-se que a expressão *espera aí* não mais exprime um pedido de espera de alguém em lugar especificado, e sim o pedido/ordem de que o interlocutor cesse a ação de puxar a locutora. O enunciado poderia ser, grosso modo, parafraseado por “Pare de me puxar, pois não posso ficar aqui com você”. Os elementos que integram a expressão *espera aí* tampouco apresentam a independência anteriormente mencionada. O que se constata é o surgimento de forma nova (fixação sintática não antes existente e, posteriormente, redução morfofonêmica: *perái*) vinculada a novo conteúdo (indução de refreamento de atividade do mundo biossocial: IRB). Considerando ter havido desenvolvimento de um pareamento de forma<sub>nova</sub>-conteúdo<sub>novo</sub> e o fato de a unidade emergente estar mais relacionada a entidades/eventos do mundo biossocial, linguisticamente representados por termos lexicais, concluímos tratar-se de construcionalização lexical.

No que se refere ao exemplo (5), quando comparado ao (3), constatamos, igualmente, que a expressão *espera aí* não mais é empregada para expressar pedido de que se aguarde alguém em determinado lugar. O que se observa é o uso discursivo da expressão para se posicionar diante da proposição “o sol gira em volta da terra” e, então, desenvolver a alegação argumentativa, mais especificamente, a refutação da tese em questão. Ademais, os elementos constituintes da expressão *espera aí* não apresentam independência sintático-semântica. Ao contrário, o que se verifica é o surgimento de forma nova (fixação sintática não antes existente e, posteriormente, redução morfofonêmica: *perái*) vinculada a conteúdo novo (marcação discursiva refreador-argumentativa). Levando em conta ter havido o desenvolvimento de um pareamento de forma<sub>nova</sub>-conteúdo<sub>novo</sub> que apresenta função procedural/gramatical, concluímos tratar-se de construcionalização gramatical.

### 3.3 PARADIGMATIZAÇÃO

Diewald e Smirnova (2012) afirmam que, além das mudanças morfofossintáticas e semânticas, o fator mais importante da mudança gramatical é o acréscimo da paradigmaticidade e – concomitante a ela – o processo de paradigmaticidade. É o que figura proeminentemente nos parâmetros de gramaticalização de Lehmann e tem sido afirmado por muitos outros pesquisadores que trabalham com o tema.

A coesão de um signo com outros signos em um paradigma será chamada de paradigmaticidade, isto é, o grau em que ele entra em um paradigma, é integrado a ele e depende dele. [...] A variabilidade paradigmática de um signo é a possibilidade de usar outros signos em seu lugar ou omiti-lo completamente. (LEHMANN, 2002, p. 110)

Além disso, a organização paradigmática é amplamente aceita como a característica essencial de categorias e signos gramaticais. Paradigmas podem ser maiores ou menores que outros, eles podem ser construídos de itens formados homogeneamente por uma técnica (ex.: apenas flexão) ou por uma mistura de várias técnicas (ex.: flexão e formas perifrásticas; flexão e entonação). Ademais, paradigmas podem ter membros centrais e membros periféricos (cf. Diewald, 2010). Ainda assim, paradigmaticidade é uma característica inevitável das categorias gramaticais. Trata-se de estágio de integração paradigmática do novo item construcionalizado em um paradigma (relativamente) fechado.

Estágio	Contexto	Características	Tipos de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	Contextos atípicos	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Expressões idiomáticas extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contextos isolados	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Expressões idiomáticas formal ou lexicalmente abertas
IV- Integração paradigmática	Contexto paradigmático	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

**Quadro 1:** Tipos de contextos em construcionalização gramatical

**Fonte:** Adaptado de Diewald e Smirnova (2012)

Em contraste com os estágios I, II e III, que usam o eixo sintagmático como contexto, o estágio IV usa o eixo paradigmático. As autoras entendem por integração paradigmática o processo de estabilização de um novo signo gramatical que o transforma em parte integral de um paradigma. Nos três primeiros estágios desse modelo, um novo significado se desenvolve e se estabelece como uma variante relativamente independente do signo em questão, associado a propriedades semânticas, funcionais e estruturais particulares. No quarto estágio, esse novo significado associado a uma forma particular, isto é, um novo signo, se integra a um paradigma. Isso significa que, enquanto os três primeiros estágios descrevem a separação do novo significado da sua fonte, o último estágio refere-se a um processo em que o novo signo perde o seu status independente (sua autonomia) à medida que se associa a outros membros do paradigma, assim como com a categoria paradigmática/gramatical como um todo. Por um lado, o novo signo construcionalizado passa a ser confrontado com membros em oposição/distinção do mesmo paradigma e, por outro lado, é gradualmente associado com um significado gramatical mais abstrato que serve como um denominador comum para todo o paradigma. A estrutura resultante é um paradigma fortemente integrado, conforme é descrito por Lehmann:

Da parte semântica, os membros de um paradigma têm uma base semântica comum com variação de diferenças específicas. Isso seria apresentado por uma análise componencial e se reflete na terminologia tradicional pelo fato de que há um nome genérico da categoria para todo o paradigma e nomes de oposição para as subcategorias específicas. Essa paradigmaticidade é gradualmente alcançada no processo de gramaticalização. Categorias muito pouco gramaticalizadas não constituem paradigmas tão fortemente integrados. (LEHMANN, 2002, p. 120)

Segundo Diewald e Smirnova (2012), no quarto estágio da construcionalização gramatical, o novo significado gramatical torna-se dependente (ou não autônomo) do significado do paradigma (como um todo) a que pertence e, ao mesmo tempo, do significado dos outros membros paradigmáticos.

As pesquisadoras tratam a estreita organização semântica de um paradigma gramatical como sua propriedade mais relevante. No que se refere às características formais, os membros de um paradigma podem mostrar variação (e é o que geralmente acontece). Contudo, pode-se admitir que quanto mais desenvolvido (antigo) for um paradigma gramatical, mais homogêneas serão as características formais de seus membros. Por essa razão, ao descreverem “tipos de construção” no quarto estágio, as autoras tratam de “esquema construcional abstrato”. Assim, se referem a um conjunto de construções: por um lado, a rede construcional constrói o paradigma e, por outro, constrói cada construção individual dentro dele. Um esquema construcional abstrato consiste em bases semânticas comuns de um paradigma e em propriedades estruturais abstratas de suas construções participantes, representando, então, o tipo de associação não redutível de forma e conteúdo crucial para a classificação de uma dada entidade linguística como uma construção.

Acrescentam ainda que, se já existir um paradigma gramatical, que funciona como categoria alvo do processo, esse paradigma serve como contexto paradigmático no processo de construcionalização gramatical. Se não existir tal paradigma, isto é, se uma categoria completamente nova é desenvolvida em uma língua, seus futuros membros formam um paradigma entre si, com os membros diacronicamente mais antigos servindo, geralmente, como modelo para um desenvolvimento análogo (formação padrão) dos novos membros.

As pesquisadoras enfatizam, ainda, que o estágio de integração paradigmática não é um período cronológico bem delimitado, mas sim um processo contínuo que é em si um desenvolvimento gradual. No começo de um processo de integração paradigmática, há paradigmas tipicamente não homogêneos com números relativamente altos de membros e características semânticas relativamente ricas, sobrepostas, não distintivas. Direcionando-se ao fim, os membros tornam-se formalmente mais homogêneos e ao mesmo tempo mais distintivos semanticamente. Quanto menor o paradigma, mais distinto será o contraste semântico entre os seus membros e mais dominante será a função gramatical. Isso, obviamente, pode ser testemunhado em todos os paradigmas flexionais diacronicamente antigos, que têm apenas poucos membros que, no entanto, têm um maior impacto distintivo do que os membros de paradigmas maiores, mais vagamente estruturados.

O quarto estágio da construcionalização gramatical por elas proposto não trata de construções individuais ou tipos de construções, isto é, não trata de operações no eixo sintagmático. Em vez disso, sua essência é a noção de um paradigma como um tipo de construção particular, isto é, a conceptualização de oposições/distinções paradigmáticas construindo uma categoria gramatical como um tipo específico de pareamento forma-função e, portanto, um tipo específico de construção. Isso representa o processo de integração de construções existentes – que foram estabelecidas durante os três estágios precedentes – em uma rede estreitamente inter-relacionada. O que ocorre nesse estágio é o processo de consolidação em um paradigma, o estabelecimento de relações paradigmáticas entre construções com o resultado de um novo paradigma (um novo tipo de construção).

É importante mencionar que não consideramos a integração paradigmática como um tipo de contexto no processo de construcionalização gramatical, e sim como um modo de organização ou conceptualização de oposições/distinções paradigmáticas, subordinadas a uma categoria gramatical específica, isto é, a um paradigma maior. Sendo assim, compreendemos que as microconstruções *espera aí* e *espera lá* pertencem ao paradigma da mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa formada por elementos indutor-refreadores e afixoides locativos. A mesoconstrução MD refreador-argumentativa distingue-se de outros paradigmas, tais como os MD exortativos, os MD de chamamento de atenção, entre outros, todos pertencentes ao paradigma maior dos marcadores discursivos formados por elementos indutores e afixoides [Indut Afix]<sub>MD</sub>.

#### 4 METODOLOGIA

A pesquisa no recorte sincrônico contemporâneo, referente aos séculos XX e XXI, foi realizada por meio da coleta de dados no acervo digital de publicações dos diários do Congresso Nacional e no acervo digital da revista *Veja*, cujas edições pesquisadas figuram entre os anos de 1968 e 2011. Os corpora para o estudo diacrônico, envolvendo textos dos séculos XIII ao XX, foram formados por meio da coleta de dados nos acervos do Corpus do Português e do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe. O Corpus do Português é constituído de mais de 45 milhões de palavras provenientes de aproximadamente 57.000 textos. São contabilizadas 20 milhões de palavras do século XX, 10 milhões do século XIX, e 15 milhões de palavras dos séculos XIII-XVIII. No século XX, o corpus contém seis milhões de palavras de ficção, seis milhões de jornais e revistas, seis milhões de textos acadêmicos e dois milhões de textos orais. Para cada um desses quatro gêneros e, portanto, na sua totalidade, os textos do século XX estão igualmente divididos entre textos de Portugal e do Brasil. Com uma composição mais modesta, quando comparado ao anteriormente citado, o Corpus Tycho Brahe apresenta 76 textos, em que se encontram 3.302.666 palavras.

Em cada um dos acervos, procedemos à pesquisa de todos os possíveis arranjos combinatórios que preenchessem a estrutura *espera* Loc, testando os seguintes advérbios locativos no *slot* Loc: *aquí, aí, ali, cá, lá* e *acolá*.

No intuito de averiguar as diferentes grafias dos arranjos mencionados, hipotetizando flagrar reduções, justaposições ou aglutinações das construções em foco, nos preocupamos em inserir no campo de busca as variações descritas a seguir:

- (i) Verbo *esperar* seguido de locativo, separados por espaço (2 vocábulos mórficos).
- (ii) Verbo *esperar* unido ao locativo, sem separação por espaço, observando os fenômenos de assimilação ou crase (1 vocábulo mórfico).
- (iii) Verbo *esperar* reduzido seguido de locativo, separados por espaço (2 vocábulos mórficos).
- (iv) Verbo *esperar* reduzido unido ao locativo, sem separação por espaço, observando os fenômenos de assimilação ou crase (1 vocábulo mórfico).

## 5 ANÁLISE DE DADOS

Para examinar as expressões em modo de organização discursiva (MOD) enunciativo nos contextos fonte, atípico e crítico e MOD argumentativo nos contextos crítico e isolado, coletamos arranjos formados pelas formas homônimas do verbo *esperar* na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (2ª pessoa do discurso: tu) e na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (2ª pessoa do discurso: você). Esse último tempo verbal costuma também ser empregado no português brasileiro como substituto do imperativo, sendo a forma *espera* (presente do indicativo, 2ª pessoa do discurso: você) preferível à *espere*<sup>4</sup> (imperativo afirmativo, 2ª pessoa do discurso: você). Ao coletar dados em que constava a forma *espera* seguida de locativo ou afixoide, levamos em conta as variações morfofonêmicas por meio de erosão (*pera aí*) e erosão e aglutinação (*perai*). Na tabela a seguir, apresentamos a frequência de cada uma das formas encontradas (conforme descrição metodológica na seção 3) nos contextos fonte, atípico, crítico e isolado, nos séculos XVIII, XIX e XX, período em que obtivemos registros do objeto em foco nos *corpora* investigados. Por se tratar de um recorte da pesquisa, visando verificar a mudança semântico-pragmática da função marcadora discursiva para a interjetiva, iniciamos nossas análises a partir do contexto isolado de grau dois<sup>5</sup>.

Contextos	Fonte			Atípico		Crítico		Isolado		Subtotal			Total	
	Séculos	XVIII	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX	XVIII	XIX		
<i>espera aí</i>	-	10	07	-	05	-	-	-	18	-	10	30	40	56
<i>pera aí</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	02	-	-	02	02	
<i>perai</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	14	-	-	14	14	
<i>espera aqui</i>	02	04	01	-	-	-	-	-	-	02	04	01	07	
<i>espera lá</i>	-	-	-	04	05	01	-	03	04	-	08	09	17	
Subtotal	02	14	08	04	10	01	-	03	38	02	22	56		
Total	24			14		01		41					80	

**Tabela 1:** Quantitativo de *espera Loc/Afix* nos contextos de mudança

Fonte: Rosa (2019, p. 128)

<sup>4</sup> Por serem mais raras as ocorrências de *espere aí* e *espere lá* na função de marcador discursivo, optamos por centralizar nossas investigações na forma mais cristalizada no português brasileiro, observando as variações morfofonêmicas: *espera aí*, *pera aí*, *perai* e *espera lá*, *pera lá*, *peralá*.

<sup>5</sup> Neste artigo, é adotada a proposta de Rosa (2019) de gradualidade intracontextual, chamada de *nanopassos*.

▪ **Contexto isolado de grau dois**

No fragmento a seguir, a construção *espera lá* é empregada para suspender momentaneamente o fluxo do discurso de modo que o enunciador possa lembrar-se de um acontecimento. Vejamos o exemplo:

(6) Sim.. eu mandei lá a minha caseira.. - Recordo-me, e Josefa respondeu alegremente que fugiria para o Enxertado na noite do dia seguinte; mas nesse mesmo dia à noite, 27 de Agosto de 1813, suicidou-se. - Ah! Vou-me lembrando.. Esse suicídio é que eu punha em dúvida nas minhas cartas que não recebeste. - Porquê? Então mataram-na! - Já não vive há muitos anos o cirurgião que a tratou; eu saí daqui há trinta e cinco e nunca mais o vi; se ele vivesse, poderia ajudar-me a recordar. **Espera lá...** Como a velhice nos varre tudo da memória! Ah! Uma circunstância... o aparecimento de uma criança no rio... - O quê? - Espera, António, não me quebres o fio das recordações. Gonçalves Penha tapou a cara com as mãos, curvou-se bamboando a cabeça, ergueu-a com ímpeto, e disse: - Parece que vejo reviver o passado... Olha, Queirós, na mesma noite em que essa rapariga apareceu moribunda no rio, um homem que andava à pesca encontrou uma criança. (Corpus do Português: Maria Moisés, de Camilo Castelo Branco, 1876)

No trecho “[...] se ele vivesse, poderia ajudar-me a recordar. Espera lá... Como a velhice nos varre tudo da memória! Ah! Uma circunstância... o aparecimento de uma criança no rio... - O quê? - Espera, António, não me quebres o fio das recordações.”, as expressões “recordar”, “varrer da memória” e “fio das recordações” são a chave para o entendimento. Além disso, a interjeição “Ah!”, antecedendo o início de uma narrativa do passado, contribui para a ideia de que o propósito do refreamento enunciativo seja a lembrança de um evento.

No segundo grau do contexto isolado, a construção mostra-se ainda menos composicional do que a do grau anterior, pois não nos parece possível uma leitura bem definida a partir do significado das subpartes. A subparte periférica, que, em nossas análises, vem desenhando junto à subparte nuclear a trajetória *espaço > tempo > discurso*, nos parece mais abstrata nesse estágio. É natural a associação do conteúdo de refreamento, sobretudo, à subparte nuclear, *espera*, devido ao maior peso semântico. Contudo, não se trata mais da significação do verbo unitário, pois sua vinculação sintático-semântica ao afixoide gera um pareamento de forma nova e conteúdo novo. Concorre para essa compreensão o uso do verbo esperar em “O quê? - Espera, António, não me quebres o fio das recordações”. Nesse trecho, o verbo é de fato utilizado para expressar pedido de que o interlocutor aguarde durante um período de tempo, isto é, até o fim das recordações do locutor. Já o uso de *espera lá* não é, ao menos diretamente, dirigido ao interlocutor, seu emprego tampouco constitui propriamente um pedido ou ordem. A microconstrução *espera lá* marca a suspensão momentânea do discurso, que tem como objetivo, nesse exemplo específico, conseguir resgatar eventos armazenados na memória. Denominamos, portanto, a microconstrução de refreador-enunciativa (RE). Em seguida, apresentamos um exemplo com *espera aí*:

(7) [...] - porque aí tinha um relacionamento natural - mas quando ela chega pra eles é pra dizer que: éh: minha casa não é boa: que não presta que eu não faço as coisas direito pra eles e não sei o quê cheia de defeito - vige Maria - a barra é pesada viu? - é uma guerra muito séria - pro meus meninos é - problema ((voz baixa)) () Doc. - como vocês vêem o problema da velhice? - áh: **espera aí** - bem: éh: áh: eu não sei eu eu não sei bem não porque - o: tipo de velho que eu tô acostumada a conviver é o velho muito dinâmico minha mae por exemplo anda de ônibus sozinha tem setente e um anos e: bota / enquanto / outro dia ela foi para uma festa de casamento - áh: éh: comigo - enquanto eu tava toda: à vontade ainda estudando sem / em cima da hora ela tava fazendo bob se ajeitando [...]. (Corpus do Português: Linguagem Falada, Recife: 279)

No trecho anterior, a microconstrução *espera aí* é utilizada para marcar o refreamento do fluxo discursivo, com o objetivo de elaborar resposta ou comentário sobre a pergunta “como vocês vêem o problema da velhice?”. No entorno da microconstrução *espera aí*, as interjeições áh, éh e as frases “eu não sei”, “eu não sei bem não” são pistas que apontam para a atividade do pensamento, numa tentativa de elaboração opinativa acerca do tema proposto.

Do mesmo modo como foi analisada a microconstrução *espera lá* no exemplo antecedente, verificamos, no último fragmento, menor composicionalidade de *espera aí* em relação ao primeiro grau do contexto isolado. Não há pedido ou ordem dirigida diretamente ao interlocutor para que esse aguarde algo, o que ocorre de fato, por meio do uso da microconstrução, é a marcação de

refreamento enunciativo. Isto é, a sinalização de que o fluxo discursivo está sendo refreado, nesse caso específico, para reflexão e elaboração de comentário.

Por meio da análise dos corpora, detectamos diferentes propósitos<sup>6</sup> para o emprego das microconstruções *espera aí* e *espera lá* em refreamento enunciativo (RE): (i) recordar-se de informações armazenadas na memória; (ii) refletir e formular resposta ou comentário; (iii) retificar o que foi dito anteriormente; (iv) redirecionar o tópico; (v) (re)tomar o turno.

#### ▪ Contexto isolado de grau três

No fragmento a seguir, apresentamos uma ocorrência em que *espera lá* foi encontrada em função marcadora discursiva refreador-argumentativa (RA):

(8) INF1 A cagarra. INF2 (...) INQ1 A cagarra é uma de noite, voa de noite. INF1 Não. A cagarra é de dia. A cagarra voa de dia. INQ1 Não, mas no mar. INF2 (...) INF1 (...) INF2 Tem umas patas assim grandes. INF1 A cagarra onde é que vai ver o peixe é de dia, não é de noite. INQ2 Sim senhora. INQ1 É de dia. Mas é uma que faz pa-pa-pa de noite. INQ2 A cagarra não é a mesma coisa. INQ1 **Espera lá**. INF2 A de noite não é esta. INF3 Gorguja. INQ1 Não... INQ2 A cagarra cá não é a mesma coisa. INF3 A gorguja é que é de noite. INF1 A cagarra é tudo à mesma. (...) Ela é que faz.. Para ver o peixe é de dia. INF3 A cagarra, a cagarra procura. A gorguja, a gorguja é de noite. INQ2 Desculpe, diga-me só uma coisa, esses que estão a voar ali por cima, são o quê? (Corpus do Português: Cordial: CLC05)

No trecho, observamos uma discussão sobre algumas características da ave marinha cagarra. O pesquisador 1 apresenta uma proposição, declarando que a cagarra é uma ave que voa durante a noite: “A cagarra é uma de noite, voa de noite”. Em seguida, o informante 1 se posiciona contrariamente, refutando a afirmação: “Não. A cagarra é de dia. A cagarra voa de dia”. O pesquisador 1, então, justifica-se: “Não, mas no mar [...] É de dia. Mas é uma que faz pa-pa-pa de noite”. Após a justificação, é o pesquisador 2 que se manifesta em desacordo: “A cagarra não é a mesma coisa”. Diante de nova refutação, pesquisador 1 emprega a construção refreador-argumentativa: “Espera lá” e, posteriormente, discorda da afirmação de que se tratava da ave gorguja e não da cagarra. Embora observemos claramente dois elementos do mecanismo argumentativo, a proposição (asserção sobre fenômeno do mundo) e alegação (discussão a partir da tomada de posição), não verificamos, de forma tão desenvolvida, a persuasão (raciocínio convincente, por meio do qual se prova a posição adotada na alegação). Tal fato pode ser justificado devido à atuação de muitos interlocutores, o que propicia interrupção e sobreposição de falas não captadas. Apesar de ser esse um exemplo não prototípico, entendemos que a construção *espera lá* é empregada em posição intra-argumentativa no intuito de refrear a argumentação do interlocutor, marcando a posição do enunciador e apoiando sua alegação. Passemos ao próximo exemplo com *espera aí*:

(9) - [...] mas desde que esses meios de comunicação sejam po-li-ci-a-dos, policiados pelo governo e passem a divulgar coisas válidas, coisas boas, então é muito válido.- ah até onde todo policiamento não seria uma violência? - então você diria você então vai achar que a liberdade absoluta é que é desejável? - não, pelo contrário, se eu tô me queixando de que, de que... - ah o excesso de liberdade no mundo tá provocando a difusão de tudo que não presta. - **perai** isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira. - não, não sei de nada. Me perguntando tudo é válido sim, não é válido nada, sobretudo a violência. Violência é você fazer comunicar aquilo que não presta. "Olho para o mundo e por isso - isso aí é que é violência - cada vez me sinto mais solitário e aflito". - não, eu cada vez acredito mais. - não sei não sei pra onde é que nós vamos. (Corpus do Português: Linguagem Falada, Recife: 5)

No fragmento, o enunciador apresenta uma proposição (tese): “o excesso de liberdade no mundo está provocando a difusão de tudo o que não presta”. Seu interlocutor emprega a construção refreador-argumentativa “perai” para refrear a argumentação alheia ao mesmo tempo em que marca a sua posição diante da proposição apresentada: “isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira”. O

<sup>6</sup> Na pesquisa de mestrado, apresentada em Rosa (2012), observamos alguns dos citados propósitos funcionais. No entanto, o aprofundamento nas investigações aliado à aplicação da abordagem de Charaudeau (1992) sobre modos de organização discursiva conduziram-no ao atual refinamento classificatório. Assim, o uso de *espera aí* e *espera lá* para realizar atividades de recordação, formulação, retificação, redirecionamento e (re)tomada enquadram-se na subfunção de refreamento enunciativo (em MOD enunciativo) ao passo que os fins de encadeamento lógico e contra-argumentação conformam-se à subfunção de refreamento argumentativo (em MOD argumentativo).

expositor da proposição inicia, então, sua justificação valendo-se de alguns elementos persuasivos: “Me perguntando tudo é válido, sim, não é válido nada, sobretudo a violência. Violência é você fazer comunicar aquilo que não presta. ‘Olho para o mundo e por isso - isso aí é que é violência - cada vez me sinto mais solitário e aflito’”.

Entendemos que nesse último estágio da construcionalização de *espera aí* e *espera lá*, as microconstruções refreador-argumentativas perdem a composicionalidade original de tal modo que ocorre redução morfofonêmica: *espera aí* > *perai* (erosão e aglutinação) e *espera lá* > *peralá* (erosão e justaposição). No fragmento, a cantora Rita Lee emprega a construção refreador-argumentativa *peralá* para refutar a proposição implícita, decodificada a partir de ações do diretor, de que ela não tinha talento suficiente para ocupar o posto de cantora:

(10) Em toda a preocupação instrumental dos Mutantes, evidentemente, não havia lugar para uma cantora. Muito menos para uma que, no máximo, contribuía para o suporte sonoro tocando um pandeiro furado. Para Rita, restava a pantomina: mostrar as perninhas, fazer careta, balançar as cadeiras. “Eu não aguentei”, desabafa. “Chegou uma hora em que eu disse: ‘Mas **peralá** senhor diretor, eu também tenho talento’.”. (Revista Veja, 1979).

Graus	Isolado grau 1: IEE		Isolado grau 2: RE		Isolado grau 3: RA		Subtotal		Total	
	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX		
Séculos	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX		
<i>espera aí</i>	-	01	-	14	-	03	-	18	18	34
<i>pera aí</i>	-	-	-	01	-	01	-	02	02	
<i>perai</i>	-	01	-	09	-	04	-	14	14	
<i>espera lá</i>	-	02	03	01	-	01	03	04	07	
Subtotal	-	04	03	25	-	09	03	38		
Total	04		28		09				41	

**Tabela 2:** Quantitativo de *espera Afix* nos graus do contexto isolado

**Fonte:** Rosa (2019, p.152)

#### ▪ Estágio de paradigmática no PB

Conforme visto na seção anterior, Diwald e Smirnova (2012) entendem por integração paradigmática o processo de estabilização de um novo signo construcionalizado que o transforma em parte integral de um paradigma. Sendo assim, a partir da construcionalização de *espera aí* e *espera lá*, ocorre estabilização dessas microconstruções no paradigma dos marcadores discursivos, formados por elementos indutores e afíxides, no PB. Como exposto no quadro a seguir, verificam-se oposições paradigmáticas, ou seja, variabilidade de significados gramaticais ou discursivo-funcionais dentro do paradigma.

Rótulo da categoria:	Marcadores discursivos			
Características formais:	Elementos indutores seguidos de afixoides em vinculação sintática			
Função:	Marcação discursiva			
Exemplos de distinções discursivo-funcionais:	Refreamento enunciativo	Refreamento argumentativo	Exortação	Chamamento de atenção
Exemplos de membros:	<i>calma aí, calma lá, espera aí, espera lá</i>	<i>alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá</i>	<i>vamos lá</i>	<i>escuta aqui, olha aí, vê lá</i>

**Quadro 2:** Integração paradigmática das microconstruções *espera aí* e *espera lá*

Fonte: Rosa (2019, p. 154)

### ▪ Pós-paradigmatização

A partir do século XX, foram verificados *no corpus* usos interjetivos das microconstruções *espera aí* e *espera lá*. Nesse estágio pós-paradigmatização, constatamos a ocorrência de novas mudanças construcionais, com permanência da estrutura morfossintática da microconstrução e mudança do conteúdo semântico-pragmático. Considerando que a pesquisa da fase de pós-paradigmatização das microconstruções em foco encontra-se em andamento, optamos por i) estruturar o estágio pós-paradigmatização em dois graus de mudança: o primeiro, referente ao âmbito discursivo, o segundo referente a situações extralinguísticas; ii) realizar a exposição desta subseção por viés qualitativo, reservando a quantificação para momento futuro.

### ▪ Pós-paradigmatização de grau um

(11) “Não aceitamos ninguém da zona norte (...). Não aceitamos bicha (...). Não aceitamos garotos metidos a hippie (...). Não aceitamos ninguém abaixo de nove anos (...). Não aceitamos ninguém acima de nove anos (...). Não aceitamos garotos que estudam instrumentos musicais (...). Não aceitamos garotos com óculos (...). Não aceitamos caras que não topam nossas brincadeiras (...)”. “Poxa, **pera aí**”, eu disse, “assim todo mundo que se candidatar vai levar bola preta”. “É”, disse o Cuca, “gente paca”. “E quantos sócios o clube tem?” “Bem, até agora, eu e o Rola, que fundamos. O resto do pessoal não se enquadrou mesmo.” (Acervo digital da revista *Veja*, 1972)

(12) Quando abro o Google e procuro o que procuro, no mundo inteiro ou aqui na esquina, fico besta com os robôs que sabem tudo, encontram tudo, traduzem tudo. Traduzem, ah! **Peraí**, já vivi muito disso. Não vão tirar de mim uma atividade da qual ainda posso precisar num amanhã qualquer, ou mesmo amanhã de manhã. (Acervo digital da revista *Veja*, 2009)

Em ambos os exemplos, os construtos são considerados interjeições aplicadas ao âmbito discursivo que marcam o estado emocional dos enunciadores diante de um tópico, seja produzido pelo interlocutor ou pelo próprio enunciador. Temos verificado que uma das marcas do uso interjetivo é a presença de outras interjeições no entorno linguístico. Nos dois exemplos anteriores, observamos o emprego das interjeições *poxa* e *ah*, que atuam, respectivamente, como reforço na manifestação de surpresa/espanto e indignação. Também contribuem para expressar tais manifestações da emoção marcas gráficas, como o ponto exclamativo em *Ah! Peraí*. Sendo assim, consideramos tais construtos como marcadores discursivos interjetivos sintomáticos. Até o presente momento, não foram encontrados no corpus construtos de *espera lá* em função interjetiva discursiva.

### ▪ Pós-paradigmatização de grau dois

(13) Disse um – Quer me fazer um imenso favor?  
Disse o outro – Amigos são pressas horas.

Disse um – Então me troca aí essa nota de dez?

Disse o outro – Taqui velho. Taqui.

Disse um – **Peralá**. Você me trocou a nota de dez por três de cinco!

Disse o outro – Ué, por duas de cinco não era favor nenhum.

(Acervo digital da revista *Veja*, 1969)

No dado anterior, observamos o uso da expressão interjetiva na manifestação de surpresa diante de uma cena inesperada: o interlocutor havia trocado uma nota de dez por três de cinco e não por duas de cinco como previa o solicitante. O uso do construto *peralá* está relacionado à situação, ou seja, à cena em que as notas de dinheiro são entregues. Nesse caso, o personagem que pede para trocar dinheiro surpreende-se e reage não ao que lhe é dito, mas ao que lhe é mostrado. Levando em conta que o emprego do construto *peralá* exprime surpresa e aplica-se a situação extralinguística, o classificamos como interjeição sintomática de situação.

(14) Ontem eu olhei e disse assim: **espera aí**, eu acho que errei de porta, deve haver um circo em Brasília e eu entrei no circo, ao invés de entrar no plenário. Exatamente, foi o que eu senti. Havia gente pulando aqui na frente! Meu Deus, existe uma tribuna para que a pessoa dê a sua opinião e, embora contra a opinião dela, alguém responda do lado de lá e diga outra coisa. Mas existe uma tribuna para haver a democracia e posso dizer a V. Ex.<sup>as</sup> que nesta Casa, hoje, se confunde democracia com baderna e com uma ditadura da palavra. (Diário do Congresso Nacional, 07 de abr. de 1983).

No exemplo, o parlamentar narrador declara o seu espanto ao entrar no plenário e deparar com tamanha confusão. O início do fragmento “Ontem eu olhei e disse assim:” corrobora a ideia de que o trecho seguinte se trata de declaração sobre o que foi visto. Logo, *espera aí* é empregado para exprimir estupefação ou perplexidade diante de uma situação do âmbito biossocial, o que lhe confere a classificação de interjeição sintomática de situação.

A interjeição não é considerada pertencente a uma classe gramatical da língua, formada por elementos bem definidos, a ela circunscritos. Inclusive, dentre os tipos de interjeição apresentados na primeira seção deste artigo, estão aquelas que se originam de palavras ou expressões previamente existentes (CUNHA; CINTRA, 2008; HOUAISS, 2009). Portanto, o que licencia o uso interjetivo das microconstruções *espera aí* e *espera lá* é justamente o fato de terem, previamente, integrado um paradigma da língua e por serem exemplares produtivos dentre os marcadores discursivos refreador-argumentativos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere à relação entre marcadores discursivos e interjeições, verificamos semelhanças e diferenciações. Flagramos usos das microconstruções *espera aí* e *espera lá* em função marcadora discursiva a partir do século XIX e em função interjetiva a partir do século XX. Por conta das diferenças encontradas para o uso interjetivo no estágio de pós-paradigmatização de *espera aí* e *espera lá*, propomos, inicialmente, a seguinte classificação organizacional: i) pós-paradigmatização de grau um e ii) pós-paradigmatização de grau dois. A primeira está relacionada aos usos interjetivos de *espera aí* e *espera lá* em âmbito discursivo, de modo que os construtos assim enquadrados são chamados de marcadores discursivos interjetivos. A segunda está associada aos usos interjetivos aplicados a situações extralinguísticas, sendo os construtos com tais características chamados de interjeições de situação. Em ambos os graus da pós-paradigmatização, verificamos prevalência da expressão de estados emocionais dos enunciadores. A essa função, a exemplo de Azeredo (2008), chamamos *sintomática*. No corpus, também foram verificados casos de emprego de construtos em função apelativa, contudo, as análises a esse respeito, assim como a quantificação de dados da fase de pós-paradigmatização integram agenda futura de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BATISTA, R. de O. *A palavra e a sentença: estudo introdutório*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Éducation, 1992.
- CORPUS DO PORTUGUÊS (2021). Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>
- CORPUS TYCHO BRAHE (2021). Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- CUNHA, M. A. F. da; LACERDA, P. F. A. da C. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. (org.). *Funcionalismo Linguístico: vertentes e diálogos*. Niterói: UFF, 2017.
- DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL. (2021). Disponível e: <https://www.congressonacional.leg.br/>
- DIEWALD, G. On some problem areas in grammaticalization theory. In: STATHI, K.; GEHWEILER, E.; KÖNIG, E. *Grammaticalization. Current Views and Issues* [Studies in Language Companion Series 119]. (ed.). Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 17–50.
- DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: KRISTIN, D.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. (ed.). *Grammaticalization and Language Change*. New reflections, [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.
- GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Disponível em: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>. Acesso em: 27 de jun. 2019.
- HEINE, B. ; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. On the rise of discourse markers. *Researchgate*. Preprint, June, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 de jun. 2019.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. 2nd revised ed. [ASSidUE 9]. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität, 2002.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. de O. e; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do Português Falado* – v. VI: Desenvolvimentos. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 2002. p. 21-94.

ROSA, F. S. da L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSA, F. S. L. *As expressões espera aí e espera lá na perspectiva da gramaticalização*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VEJA. Acervo Digital da revista Veja (2021). Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.



Recebido em 24/01//2021. Aceito em 05/05/2021.